



**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

MERI NADIA MARQUES GERLIN
(Organizadora)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

Editora
FCI/UnB 2018



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia (DBIB)

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

Normalização e projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Comitê Científico

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	18

PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES	24
--	----

LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS	48
---	----

Marta Leandro da Mata

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	204
---	-----

NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS 222

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS 238

Elane Couto Uliana

TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 263

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR 290

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 311

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

A PRESEÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO 331

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

SOBRE OS AUTORES 352



PARTE II

**COMPETÊNCIA NARRATIVA:
PROCESSOS INTER-RELACIONADOS
EM ESPAÇOS TEMPOS DE
INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
CULTURA**

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

*Eduardo Valadares da Silva*⁵³

*Fabiano de Oliveira Moraes*⁵⁴

*Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim*⁵⁵

RESUMO

O capítulo objetiva destacar e questionar o silêncio absoluto na biblioteca escolar como regra indelével por meio da compreensão de práticas educativas de uma bibliotecária escolar em seus momentos de atuação com os estudantes e professores no cotidiano de sua atuação no espaço-tempo de uma biblioteca escolar. Apresenta como pressupostos teóricos básicos as perspectivas de lugar e espaço sugeridos por Certeau (1994), as possíveis origens do silêncio e silenciamento das bibliotecas escolares e possibilidades de rupturas dessa condição por meio dos usos e táticas que pretendem contraporem-se à institucionalização do silêncio. Metodologicamente se caracteriza na primeira parte como uma pesquisa bibliográfica e na segunda parte como um estudo de caso relacionado à atuação de uma bibliotecária escolar atuante em uma escola de ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Vitória no Espírito Santo. Apresenta as práticas da bibliotecária que faz uso de sons musicais, movimentos corporais e de leitura, invenções, contações de histórias, expressões, estéticas de vida no espaçotempo biblioteca escolar, com o intuito de potencializá-la como um espaço vivo de aprendizagens. Conclusivamente ratifica a convicção de que a cultura do silêncio na biblioteca escolar afasta seus usuários em função das barreiras por ele impostas. Defende a importância da promoção da biblioteca escolar como um espaço popular em que os diversos saberes tenham lugar e as várias vozes tenham vez, em que ler, contar histórias, escutar, criar narrativas tornem-se práticas cotidianas.

Palavras chave: Biblioteca escolar. Narrativa oral. Práticas educativas.

⁵³ Doutorando em Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil. e-mail: edu_valadares@yahoo.com.br

⁵⁴ Doutor em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: professorfabianomoraes@gmail.com

⁵⁵ Graduada em Biblioteconomia. Prefeitura Municipal de Vitória. Vitória, ES, Brasil. e-mail: marcela_lmca@hotmail.com

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA⁵⁶

A imagem da biblioteca escolar é comumente associada a um lugar de silêncio, de erudição, de estudo intenso e concentração, de guarda e empréstimo de livros, de aplicação de punições e de outras práticas e visões, algumas das quais, a nosso ver, um tanto equivocadas. Em nossas vivências no ambiente da biblioteca escolar temos percebido que, embora na maioria dos casos as coisas funcionem assim, grande parte dos discursos que tivemos oportunidade de escutar, provindos dos mais distintos sujeitos do ambiente escolar, expressam expectativas em descrições de espaços bastante distintos das acima citadas.

Dentre essas marcas consolidadas, a que tradicionalmente mais se destaca nas bibliotecas é a marca do silêncio. Mas a que silêncio estamos nos referindo? Segundo Bastos, Pacífico e Romão (2011, p. 623), não estritamente ao silêncio que prima pela extinção do barulho, das diversas vozes que pulsam por falar, inclusive na biblioteca, mas ao silêncio fundador “[...] prenehe em sentidos”, e à política do silêncio (silenciamento), subdividido por Orlandi (1997; 2008) em silêncio constitutivo e silêncio local (ou censura); o segundo deles, que nos interessa aqui, é “[...] aquele em que entra a interdição por alguma forma de poder da palavra” (ORLANDI, 2008, s/n).

Silêncio e discurso. Sim, silêncio interdição. Para Foucault (2008), a interdição silenciosa a sujeitos ao selecionar quem pode dizer o quê, o que alguém pode dizer em dado contexto (por exemplo, na biblioteca escolar), e que lugar social deve ocupar para proferir o discurso que lhe é permitido proferir. O discurso, por sua vez, é o que manifesta – ou oculta – o desejo, e é ele, ao mesmo tempo, o próprio objeto do desejo.

Silêncio e poder. Sim, silêncio disciplina. Para Foucault (1987), na disciplina “[...] os ‘súditos’ são oferecidos como ‘objetos’ à observação de um poder que só se manifesta pelo olhar. Não recebem diretamente a

⁵⁶ Trecho publicado originariamente pela Cortez Editora no livro “Alfabetizar Letrando na Biblioteca Escolar” (MORAES; VALADARES; AMORIM, 2013).

imagem do poderio soberano, apenas mostram os seus efeitos” (FOUCAULT, 1987, p. 156). Nas escolas, a normalização, que há pouco se fazia visível nos uniformes engomados, nos sapatos engraxados, no silêncio e nas palavras permitidas, hoje persiste na proibição do uso do boné, na necessidade de tantas filas, na obrigatoriedade do uniforme, e em tantas regras que, embora aparentemente menos rígidas do que as de outrora, devem ser questionadas, pois nem sempre têm uma aplicação atual justificável.

Desta forma, objetivamos destacar e questionar a necessidade de silêncio absoluto na biblioteca escolar como regra indelével por meio da compreensão de práticas educativas de uma bibliotecária escolar em seus momentos de atuação com os estudantes e professores no cotidiano de sua atuação no espaço-tempo de uma biblioteca escolar.

Silêncio interdição, silêncio disciplinar: SILÊNCIO! Você está na biblioteca.

BIBLIOTECA: ESPAÇO DE NÃO-SILÊNCIO⁵⁷

Temos observado em nossa trajetória acadêmico-profissional, práticas bem distintas por parte de bibliotecários escolares. Nesses movimentos de pesquisa, acompanhamentos e imersões nos fazeres cotidianos que perpassam o dia-a-dia das bibliotecas escolares, deparamo-nos ainda com situações que privilegiam a passividade da biblioteca como um lugar concebido por si só, isoladamente, e não para o outro, pelo outro e com o outro. Ou seja, um lugar, cuja

[...] ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num ‘lugar’ próprio e distinto que define. Um lugar é portanto

⁵⁷ Alguns trechos foram publicados originariamente na Dissertação de Mestrado em Educação de Eduardo Valadares da Silva (SILVA, 2015).

uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1994, p. 201).

Em contraponto ao exposto, torna-se importante demarcamos nossa compreensão de biblioteca escolar, assim como toda a diversidade de espaços-tempos da escola, como imprescindível à constituição da subjetividade do estudante, não somente pela organização e disponibilização de acervos, mas também pela viabilização dos fazeres que nele se fazem presentes e dele emergem, subsidiados pela sua existência, tomando por base a realidade da escola, seu projeto político-pedagógico e a cultura que fundamenta os modos de vida dos sujeitos constituintes e constituídos na comunidade escolar.

Certeau (1994) nos traz ainda sua visão do que compreende como espaço, um lugar que passa da condição do vazio ao habitado, que se caracteriza pelo cruzamento de móveis, pela animação de um conjunto complexo de movimentos que se desdobram em ritmos diferenciados, como um efeito que é produzido pelas operações que o orientam em momentos circunstanciais e que, portanto, não é dotado de univocidade nem estabilidade de um “próprio”.

O sentido de lugar sugerido por Certeau (1994) indica uma organização do espaço onde o tempo e as posições dos elementos que o constituem estão submetidos a cerrado controle. A sensação de estabilidade é mantida pelas relações de poder que disfarçam sutilmente suas condições de produção.

A existência de lugares é fundamental, pois não há como prescindir de um acordo sobre as referências e nomes que permitem a organização social. As táticas⁵⁸ somente podem operar a partir de um

⁵⁸ O sentidos dos termos “tática” e “estratégica” se referirão às perspectivas de Certeau (1994) cujos significados se associam a uma relativa contraposição”. De estratégia Certeau (1994, p. 99) designa “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado.” De tática Certeau (1994, p. 100) designa “[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. [...] É a arte do fraco”.

lugar. Os espaços abertos pelas táticas são, na verdade, a prática de um lugar submetido à organização dinâmica e complexa. As táticas não podem ser pensadas sem um lugar, pois, ao utilizarem o tempo como benefício, elas fazem uso do lugar estabelecido para dele tirar vantagens.

Com as provocações que Certeau (1994) nos traz, ficamos a refletir como pode a biblioteca escolar ainda ser compreendida por tantas pessoas como um lugar de ausência de vida, movimentos, contradições, tensões e sentidos. Acreditamos que, desde a infância, o retrato que criamos em nosso imaginário, ou por vezes influenciados por vivências que tivemos no contato com a biblioteca ao longo da vida escolar, remete-nos a uma biblioteca marcada por silêncio, erudição, intenso estudo, local de guarda e empréstimo de livros, lugar de aplicação de castigos, ou seja, desarticulada do currículo escolar, praticamente um anexo à escola.

Uma das marcas que trazemos à discussão neste momento é aquela construída pelo silêncio que muitas vezes se pretende escutar na biblioteca, um silêncio não marcado estritamente pela ausência de sons, barulhos, vozes e vida, como nos trazem Bastos, Pacífico e Romão (2011), mas também um silêncio que indescritivelmente consegue propagar-se no vácuo de uma política verticalmente instituída, mesmo diante de intensas transformações que vivenciamos nos contextos sociais.

Para Certeau (2012, p. 51), “[...] as palavras, todavia, não são tudo. Na verdade, é o contrário: elas nada são, ou antes um ‘quase nada’ [...]”. Pensando com base nesse autor, compreendemos que as palavras são uma tentativa, entre várias outras possibilidades, de materializarmos ou expressarmos os sentimentos que em nós se constroem por uma diversidade de influências que nos atravessam e deixam suas marcas. Assim, quando elas não são expressas, é um sinal de que algo silenciou ou foi silenciado e precisamos compreender quais motivos levaram a isso.

Certeau (2012) nos provoca a pensar inicialmente com base nos contextos das universidades, quando se constata que os estudantes parecem abrir mão ou desistir de falar, assim o silêncio se espalha, se

propaga com ainda mais força, justificado pelo argumento de que não nos ouvimos mais. Expandimos essa reflexão para as escolas e o que nelas habita e acontece, como o reflexo de resignação, desgostos ou a violência cujas formas e justificativas a maioria dos estudantes desaprova, mas ainda assim aceita ou se vê obrigada a submeter-se. “Com efeito, até mesmo naqueles que dizem e repetem que é preciso ‘sustentar’ as verdades ou as instituições de outrora, essa vontade revela o contrário do que pensa ou afirma. Ela desloca a questão” (CERTEAU, 2012, p. 27).

POSSÍVEIS ORIGENS DO SILÊNCIO NO CONTEXTO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

Acreditamos que o silêncio nas bibliotecas escolares seja herança de uma sociedade ocidental conservadora que classicamente acredita que o silêncio seja algo primordialmente importante desde sua antiguidade marcada por um forte processo de exclusão em detrimento de privilegiadas pessoas que poderiam ter algum tipo de acesso ao misterioso e sagrado material depositado nas bibliotecas. Nesse período, o papel da biblioteca se sustentava na guarda e preservação do material que ali estava e deveria para sempre continuar depositado, em virtude de sua missão de garantir a preservação da memória de um povo ali materializada por meio de seus escritos, e que, em qualquer época, poderia ser consultado por uma minoria célebre de pessoas que precisassem rememorar a história da sociedade e o que lhe passava no passado.

Certeau (2012, p. 29) nos fala de “[...] monumentos cujos conservadores nomeados julgam guardar a verdade ocupando-os, muitas instituições parecem abandonadas exatamente por aqueles que se querem fiéis a uma exigência da consciência” e assim nossas bibliotecas, inclusive as escolares, tornam-se lugares inacessíveis sob a justificativa da guarda do acervo que já não pode mais ser admitida.

Ainda tratando sobre o silêncio na biblioteca e a maneira como podemos compreender melhor sua origem, pensamos nas bibliotecas da

Idade Média, que limitavam seu acesso às pessoas consagradas pela Igreja, as quais tinham o privilégio de adentrar o templo do saber. Para tanto, a esses escolhidos era exigida uma postura respeitosa que garantisse um estreito contato e compreensão do sagrado, ou seja, fundamentalmente a passividade de um profundo e eterno silêncio. Não consideramos que esse silêncio ainda, muitas vezes, imposto à biblioteca e a quem a ela adentra seja comparável literalmente a um mito, mas entendendo-o como algo sem uma origem ou continuidade claramente definidas: o silêncio da biblioteca. Acreditamos, embasados em Certeau (2012, p. 25), que seria [...] artificial crer que os mitos desapareceram perante a racionalização. Se acreditássemos ter livrado deles as ruas seriam um engano. Ao contrário, eles aí reinam. Exibem em catálogos de imagens os sonhos e a repressão de uma sociedade. Ressurgem por toda parte, mas por vias diferentes das passadas.

A relação da cultura com a sociedade modificou-se, sendo não mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades como religiosos, iluminados, docentes, profissionais liberais. A cultura não é mais estável e definida por código aceito por todos.

Hoje a situação ressurgem por outras maneiras, produzindo outros modos de viver.

O poder cultural não está mais localizado em uma escola ou em uma igreja. Ele infiltra-se em qualquer teto e qualquer espaço, com as telas da televisão. Ele ‘personaliza-se’. Introduce por toda parte os seus produtos. Faz-se íntimo. Isso muda a posição da escola. No passado, representante do Estado pedagogo, ela tinha como contrapartida e adversária a família, que exercia o papel de um controle (CERTEAU, 2012, p. 138).

A nosso ver, somos influenciados por traços passados, mas que se contextualizam de maneira diferente na sociedade atual. Devemos considerar como as palavras foram ditas em outros momentos sociais, enquanto “[...] outros se tornam inflexíveis, qualificando de diabólica a

objeção mais sensata; julgam, portanto, tudo defender, ao se defenderem a si próprios e, literalmente, perdem o senso” (CERTEAU, 2012, p. 31).

POSSIBILIDADES DE RUPTURAS CONTEMPORÂNEAS

Torna-se necessário promover uma ruptura com convenções unilaterais, estimulando questionamentos, diversidades de sentidos e desenvolvimento de criticidade. A escola, por vezes, ainda excomunga os grupos e os indivíduos, colocados na posição de marginalizados, coagidos a se defenderem como excluídos e voltados a procurar a si próprios entre os repelidos (CERTEAU, 2012).

A compreensão crítica de biblioteca que Freire (1989) defende trabalha no sentido inverso dessa lógica de marginalização, pois compreende que seja imprescindível sua transformação num espaço popular constituindo-se em meio à polifonia, às falas, aos saberes dos tantos sujeitos aprendentes que somos: professores, bibliotecários, alunos, funcionários da escola, familiares, da comunidade escolar e demais membros da comunidade.

O entendimento crítico da biblioteca tem a potencialidade de conduzir não restritamente às práticas e usos desse espaço, mas à interpretação crítica de leitura e de alfabetização defendidas por Freire, que se afirma favorável à conscientização da realidade em que estamos inseridos como protagonistas, seja na condição de ensinantes, seja na de aprendentes.

A relevância da biblioteca popular com relação aos programas de educação e de cultura popular em geral e não apenas de alfabetização de adultos, creio que é apreendida tanto por educadoras e educadores numa posição ingênua, ou astutamente ingênua, quanto por aquelas e aqueles que se inserem numa perspectiva crítica. (FREIRE, 1989, p. 19).

Uma biblioteca verdadeiramente viva sustenta seu trabalho nos sujeitos que a atravessam, tanto professores, estudantes, bibliotecários

quanto a comunidade, dinamizando atividades que condigam com a realidade do território em que se insere.

Biblioteca não se limita a um lugar onde se adquirem informações, mas a um espaço potencializador à apropriação das informações que serão transformadas em conhecimento. Temos a função de ajudar os estudantes nesse processo de transformação.

Fala-se quase exclusivamente do ensino de conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender (FREIRE, 2006, p. 43).

A partir de Freire (2006) ratificamos nosso entendimento de que ensinar não significa transferir conhecimento, mas possibilitar a sua construção singular com os sujeitos por meio de múltiplas e contraditórias vozes. Quando adentramos num espaço educativo, independente de ser formalmente instituído para esta finalidade, devemos estar abertos às indagações e curiosidades dos alunos, aos seus silêncios; sermos críticos e questionadores diante da tarefa de ensinar a qual nos dispomos.

USOS E TÁTICAS QUE SE CONTRAPÕEM À INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SILÊNCIO

Podemos analisar a biblioteca escolar com seus sujeitos praticantes com base na nomenclatura comumente designada na Biblioteconomia – usuários –, ou seja, aqueles que usam o que a biblioteca lhes coloca à disposição, frequentemente de maneira passiva, como se fossem um

[...] corpo que obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se [veem]; têm

dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é elemento assinado por muitos outros, escapam a legibilidade (CERTEAU, 1994, p. 171).

Remetendo-nos ao sucesso da colonização espanhola sobre o seio das etnias indígenas, Certeau (1994) afirma que essas populações usavam das leis e práticas que lhes eram impostas para outras finalidades, que não as originalmente pretendidas pelos colonizadores. E hoje assim se repete. Não pensemos naqueles que chamamos de usuários como consumidores passivos dos que lhes oferecemos, mas como transformadores daquilo que eles próprios desejam. “[...] poder-se-ia quase afirmar que a produção fornece capital e os usuários, como locatários, adquirem direito de efetuar operações sobre este fundo sem serem os proprietários” (CERTEAU, 1994, p. 96).

É a diversidade de usos que cria uma incontrolável proliferação de significâncias que conduzem para uma antidiplina que Certeau (1994) enfatiza veementemente. Outro exemplo que talvez aproxime essa ideia para um fato mais próximo ao nosso dia a dia, diz respeito à relação que se estabelece entre o morador e sua residência. Esta, quando concebida por um arquiteto sentado diante de sua prancha, é idealizada como um ambiente ideal conforme as intenções deste profissional, ainda que este pretenda atender aos desejos de seu cliente. Todavia, com a ocupação dessa casa pelo morador, são dados outros sentidos que apenas são possíveis a partir desse momento e que não poderiam ser previstos em sua concepção.

Não pretendemos aqui destacar tão somente as deficiências, ausências, descasos e outros problemas que a biblioteca escolar vivencia, mas também as belezas que acontecem em seu cotidiano e nem sempre são visibilizadas como os problemas. Tais belezas passam muitas vezes despercebidas aos nossos olhos, pois são realizadas marginalmente e,

conforme Certeau (1994) nos diz, nas relações cotidianas dos sujeitos praticantes desses espaços-tempos.

Pensando nessas relações trazidas por Certeau (1994), remetemo-nos à diversidade de processos de ensino-aprendizagem que acontecem pela ação de sujeitos/educadores que atuam criativamente nos diversos espaços de ensino, visando ao aprendizado dos estudantes numa perspectiva para além do que alguns consideram como menos importante. Cada uma dessas experiências precisa ser compreendida no contexto de sua realização, o qual conspirou para que se tornasse possível acontecer, considerando para isso uma diversidade de fatores que vão desde a história de vida, formação, realidade e experiências dos sujeitos envolvidos nesse processo cotidiano, sejam aprendizes, sejam “ensinantes” (OLIVEIRA, 2002).

São ainda hoje recorrentes, as pesquisas que apontam as dificuldades de atuação do bibliotecário na escola em razão da escassez e inflexibilidade do tempo, necessidade de cumprimento dos conteúdos curriculares, falta de integração entre professores e bibliotecários, precarização das condições de trabalho e outras questões que limitam a realização de vários tipos de projetos que poderiam ser realizados na escola. Mesmo com a existência de tantos fatores impeditivos, a maioria das pesquisas aponta o reconhecimento da importância da biblioteca escolar, o que nos indica um claro desejo de transformação dessas realidades.

Em face das tensões estabelecidas relativamente a essas questões, os sujeitos-praticantes reinventam formas alternativas de uso que acabam por torná-los produtores/autores que criam, a seu modo, o que se chama de táticas que cotidianamente se inscrevem e se delimitam nas redes relacionais entre o fraco e o forte, entre o tático e o estratégico. Para Certeau (1994), a relevância de estabelecer essa distinção surge na construção de uma nova proposta de compreendermos a realidade social e as ações, de um lado pelos sujeitos praticantes e de outro pelo sistema já instituído.

Pelo lado dos sujeitos praticantes, as táticas são vistas como movimentos que acontecem dentro da linha de atuação do inimigo e no espaço por ele controlado, operando passo a passo e se aproveitando de situações sem a intenção de colecionar benefícios, o que permite maior mobilidade e deslocamento para alçar decolagens ocasionais astuciosamente. Para Certeau (1994), de forma geral, as táticas estão relacionadas a operações que minam um lugar.

O que se chama de movimentos táticos em um lugar controlado por estruturas de poder pode sugerir uma liberdade enganosa para aqueles que estariam em uma posição mais fraca. A valorização das táticas, como uma série de procedimentos que exterminam um lugar, pode transformar-se em uma desculpa em que tudo o que é produzido pelas estruturas de poder é consumido por sujeitos que criam e seguem as próprias regras.

Já pelo lado do sistema instituído, as estratégias se configuram como ações previamente calculadas de um lugar de poder que influenciam nas relações com o outro que, em princípio, se submete ao forte (CERTEAU, 1994). Essas são fundadas sobre um desejo e um conjunto desnivelado de relações de poder.

Certeau (1994) compreende “estratégias” como o cálculo, a manipulação de relações de força, tornadas possíveis pelo isolamento de um objeto. Para o autor, as estratégias organizam, ditam um lugar que pode ser administrado em relação a um contexto externo formado por alvos e perigos.

Ousamos afirmar que todos conhecem, ou em algum momento já vivenciaram na escola, situações em que as regras, normalmente rígidas, foram burladas pelos estudantes que conseguem vencer a vigilância de pedagogos, coordenadores e professores, bem como de educadores que fogem ao controle do sistema instituído. Essa relação com as regras e usos dos espaços da escola se altera em função do lugar que elas ocupam na dinâmica dessas instituições, contudo as subversões se perpetuam em nossas memórias.

Ao adotarmos Certeau (1994) como nosso referencial teórico principal para nos subsidiar nas discussões sobre usos, lugar, espaço, táticas e estratégias com um olhar relacionado à escola, mais especificamente ao espaço da biblioteca, o fazemos intencionalmente tendo em vista a dimensão política que apreendemos desse autor.

Inspirados em Certeau (1994), compreendemos que o cotidiano escolar é recheado de movimentos de resistência aos mecanismos controladores, disciplinadores e às precariedades do sistema instituído que mormente não tem dedicado a atenção necessária para o potencial papel da biblioteca e do bibliotecário na escola básica, por isso trazemos esse problema à discussão em nossa pesquisa.

Com base no percurso profissional inicialmente relatado, nas possibilidades que vislumbramos a partir da biblioteca escolar e das concepções de atuação do profissional bibliotecário escolar, emerge o desejo de refletirmos, com ainda mais intensidade, a biblioteca escolar pelas lentes de pesquisadores da educação.

Diante disso, este capítulo pretende compreender vivências de práticas educativas de uma bibliotecária escolar em seus momentos de atuação com os estudantes e professores, seus planejamentos e as diversidades de atividades formativas no cotidiano de sua atuação no espaço-tempo de uma biblioteca escolar.

USOS DO SILÊNCIO QUE NÃO PROMOVEM SILENCIAMENTOS

Uma das grandes questões ainda presentes na maioria das bibliotecas é a exigência de um silêncio indelével, independentemente do tipo de biblioteca ou do público por ela atendido. Cremos que essa postura de silenciamento necessita ser refletida com mais profundidade, principalmente em se tratando de bibliotecas escolares que deveriam nos remeter à vida, a sons, movimentos, aprendizagens e outros sentidos.

Não defendemos que a biblioteca se torne um espaço onde tudo seja indistintamente permitido, inclusive com barulho desmedido.

Acreditamos que, de modo geral, toda atividade que envolva crianças pressupõe, sim, a interatividade e a energia peculiar a essa fase de descobertas que se manifesta por meio de conversas, músicas, ritmos, batucadas, narrativas, brincadeiras, correrias.

Portanto, cabe ao bibliotecário a viabilização de momentos diversos, criando situações de silêncio, de descontração e de motivações para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva que desprivilegia o silêncio pelo silêncio, observamos uma dinâmica criada pela bibliotecária e coautora Marcela Mendonça Amorim da Escola de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão [EMEF ABL], no município de Vitória-ES, que vão ao encontro das perspectivas por nós adotadas nesta pesquisa.

Marcela canta, lê poemas com acompanhamento musical de base de *rap*, conta histórias, toca violão, conversa sobre livros, dialogando criativamente com o preconizado silêncio da biblioteca escolar. Tendo sido, seu trabalho, premiado nacionalmente, pesquisado em TCCs, Dissertações e Teses, e citado em artigos e livros da área.

Destacamos, nesta seção, a atividade denominada de “Desafio da Leitura Silenciosa”, onde ao término da maioria das atividades que Marcela realiza com as turmas por ela atendidas, é lançado aos alunos o desafio de ler em silêncio. Marcela distribui, em cada mesa, um quantitativo de livros de literatura mais curtos e cada aluno pode escolher um desses livros para que realize sua leitura silenciosa. No *flip-chart* da biblioteca, foi afixado um painel simples no qual estão listadas todas as turmas do 1.º ao 5.º ano dos turnos matutino e vespertino e, à medida que o desafio é lançado à turma e os alunos conseguem manter o silêncio no tempo estabelecido por Marcela, esse grupo recebe uma estrela (Foto 1).

Foto 1 – Painel do desafio da leitura silenciosa.



Fonte: Silva (2015, p. 139).

A cada trimestre é contabilizado o total de estrelas acumuladas por turma, e a que obteve mais estrelas em cada turno recebe alguma premiação.

Além do objetivo de estimular nas crianças a concentração num momento de leitura silenciosa, Marcela também recorre a essa atividade como que se fosse uma “carta na manga”, ou seja, sempre que ela deseja que a turma se tranquilize um pouco mais ou quando a atividade que ela havia pensado termina antes do tempo planejado, ela lança o desafio da leitura silenciosa.

O interessante é que inicialmente poderíamos pensar que essa atividade seria encarada pelas crianças como nada agradável, pois elas precisam fazer silêncio e ler partes de um livro. No entanto, cremos que, pelo fato de serem desafiadas a ficar em silêncio, todas as vezes que essa atividade foi proposta ao longo dos dias que estivemos na escola, as crianças comemoravam e se esforçavam ao máximo para concluí-la e receber a estrela. Além disso, por várias vezes, os próprios alunos pediam que o desafio fosse feito, antes mesmo de Marcela propô-lo.

No atendimento a uma turma do 3.º ano que encontrava-se sem professora e ficou sob a responsabilidade de duas estagiárias. Por volta de 10h00, como era o horário agendado para essa turma ir à biblioteca, Marcela a recebeu. Como antes dessa turma foi feita a atividade do ensaio da música para ser apresentada no Sarau Geográfico, Marcela aproveitou novamente o equipamento montado para fazer uma sessão de músicas com esses alunos.

Ao entrarem na biblioteca, os alunos chegaram agitados e uma das estagiárias imediatamente repreendeu os alunos dizendo: “Aqui é uma biblioteca, lugar de silêncio!” Mas contraditoriamente não haveria silêncio ali, e sim muita música e ritmos.

Ao recuperarmos a etimologia da palavra biblioteca, observamos que seu significado é o seguinte: *biblion-théke*, ou seja, compartimento de guarda. Em razão dessa atribuição original, ainda hoje se reforça a perspectiva de que esta seja um lugar de aprisionamento, passividade, de tristeza e onde se deve imperar a cultura do silenciamento. Nóbrega (2011, p. 127-128) procura, em oposição a esse paradigma de petrificação da memória, discutir ações que transformem a biblioteca escolar em territórios de produção de sentidos, vida, mudança e movimentos e compara a biblioteca a uma cristaleira

[...] onde tudo pode ser visto, escolhido, tocado, usado, pois a cristaleira se diferencia de um baú, uma caixa fechada a sete chaves. Tal qual a cristaleira que atrai recordações - lembranças representadas, por exemplo pela última xícara do

jogo de porcelana da avó, ou a vela enfeitada com laço de fita de cetim com a qual se dançou a valsa dos 15 anos -, nossas bibliotecas precisam ser também lugares [diríamos espaços] de convívio, que permitam a troca, a interlocução; onde a ambiência convide e, não, empurre o leitor para fora, para o nunca mais (NÓBREGA, 2011, p. 128).

SILÊNCIOS, SONS, MÚSICA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ENTRE USOS E REINVENÇÕES⁵⁹

Pudemos presenciar ainda, em algumas de suas práticas, que a bibliotecária, por vezes, mostrava o livro, ou apresentava a poesia reescrita no mesmo *flip-chart*, depois seguia até o aparelho de som e colocava para tocar uma base de rap enquanto as crianças (já familiarizadas com aquele apreciado momento) se animavam e se mexiam nas cadeiras, fazendo gestos de DJs e posturas de MCs, produzindo sons com a boca (beatbox), expressando movimentos corporais no ritmo envolvente da batida do acompanhamento. Movimentos de leitura, contação de histórias, invenções e expressões, estéticas de vida no espaço-tempo biblioteca escolar.

Em uma das suas práticas de leitura e narração, Marcela, como regente de um coral de sons e movimentos, indicou no *flip-chart* o poema “Lição do dia”, de Ricardo Azevedo, e começou a cantar tendo ao fundo uma base de *rap*, sendo acompanhada por toda a turma .

Cuidar da vida
como quem cuida
de uma casa
de um jardim
de uma paisagem
de um bicho

⁵⁹ Trecho publicado originariamente na Tese de Mestrado em Educação de Fabiano de Oliveira Moraes (MORAES, 2014).

de um filho
de um corpo
de um sonho
de um amigo
de um amor
Cuidar do mundo
como quem cuida
da própria vida (AZEVEDO, 2005).

Terminou o canto do poema com a repetição do verso inicial de cada uma das duas estrofes: “Cuidar da vida. Cuidar do mundo. Cuidar da vida. Cuidar do mundo”.

E entre o cuidado de si e o cuidado do outro, a estética e a ética da existência (FOUCAULT, 2010), Marcela desligou o aparelho de som enquanto se amplificavam afetivamente os ruídos, os balbucios, os movimentos de cadeira, os cantos, as falas, as troças, os comentários, as palmas, as conversações, as narrativas, os cuidados de si, os cuidados do mundo, as reinvenções rítmicas, as criações estéticas, as interações éticas, as re-existências.

“O acoplamento das crianças com o livro” (KASTRUP, 2008, p. 241) se dava em movimentos, em criações estéticas de si e do mundo, como um contato inventivo a incitar devires. A bibliotecária leitora estabelecia-se como um ser de fronteira, de borda, entre a leitura para a turma e o texto lido, abrindo desse modo linhas de fuga e promovendo transformações.

Marcela, nesses momentos, atuava como “atratora de afetos”, agindo como uma espécie de “atrator caótico” por atrair o leitor não para si, “[...] mas para o texto e para os devires que ele comporta” (KASTRUP, 2008, p. 255). Por conduzir a “[...] expedição a um mundo desconhecido” (KASTRUP, 2008, p. 256), possibilitando o contato, acompanhando, arrastando consigo. Explorando a potência do momento ao instaurar redes de afetos.

Marcela, ao evocar vozes no espaço da Biblioteca Escolar, “[...] não diz: ler é bom, é preciso gostar de ler, mas expressa o bom da leitura

através de semióticas diversas, a da própria linguagem literária, mas também de rosto e de voz” (KASTRUP, 2008, p. 257), de música e de imagens, de histórias contadas, de ritmo e de melodia, estabelecendo redes de afetos.

QUE AS VOZES E AS HISTÓRIAS SE FAÇAM OUVIR

A sedimentação da cultura do silêncio nas bibliotecas escolares ao nosso olhar afasta os seus usuários desse espaço, tendo em vista as barreiras que, em muitos casos, ainda são erguidas em razão de uma cultura passada, que já se transformou, mas que ainda vem sendo reproduzida nos dias atuais, conforme pudemos observar no posicionamento de alguns professores e estagiários da EMEF ABL, contrapondo-se às práticas de Marcela.

Defendemos a biblioteca escolar como espaço público dentro da escola em que se possam realizar práticas de leitura e de contação de histórias que favoreçam o aprendizado da leitura dos textos e do mundo; como espaço popular em que os diversos saberes tenham lugar e as várias vozes tenham vez, em que ler, contar, escutar, criar histórias, sejam práticas corriqueiras e prazerosas; como espaço que favoreça o exercício da cooperação e da criatividade, onde tenham lugar a leitura em voz alta e a paráfrase de histórias contadas com o intuito de favorecer a atribuição de sentido, despertar o desejo de leitura e potencializar reinvenções e novos usos desse espaço polifônico, cultural, político e democrático.

Que as vozes se façam ouvir na biblioteca escolar.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. *Ninguém sabe o que é um poema*. São Paulo: Ática, 2005.

BASTOS, G. G.; PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. M. S. Biblioteca escolar: espaço de silêncio e interdição. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 621-637, 2011.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. 7. ed. Petrópolis: Papyrus, 2012.

FOUCAULT, M. de. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozers, 1987.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Colège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KASTRUP, V. Sobre livros e leitura: algumas questões acerca da aprendizagem em oficinas literárias. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. (Org.). *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina. 2008. p. 241-266.

MORAES, F.; VALADARES, E. ; AMORIM, M. M. *Alfabetizar letrando na biblioteca escolar*. São Paulo; Cortez Editora, 2013.

MORAES, F. de O. *Currículo-fabulação: a curiosa metamorfose de Francis Tracart*. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

NOBREGA, N. G. da. Bibliotecas: vozes silenciadas? In: PRIETO, B. (Org.) *Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

OLIVEIRA, I. B. de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N.; (Org.) *Pesquisas no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 39-54.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Silêncios: presença e ausência. In: *ComCiência*. N. 101. Campinas, 2008.

SILVA, E. V. da. *Diálogos sobre a biblioteca escolar: entre textos e contextos*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Alcará – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

Alzimar Ramalho – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

Amanda Xavier – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

Ana Cláudia Borges Campos – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

Benedito Medeiros Neto - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

Cláudia Maria de Oliveira – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

Daniela Lucas da Silva Lemos – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

David Renault da Silva - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

Eduardo Valadares da Silva - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

Elane Couto Uliana – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Elijance Marques dos Santos – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Elmira Luzia Melo Soares Simeão – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

Fabiano de Oliveira Moraes – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Fábio Vieira Pereira – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

Joyce Del Frari Coutinho - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

Ingrid Simões Pereira – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Iguatemi Santos Rangel – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

Maira Cristina Grigoletto – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Marcelo Souza de Jesus - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

Márcia Helena da Silva Marques – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Márcia Marques - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

Maria Giovana Soares – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Marta Leandro da Mata – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

Meri Nadia Marques Gerlin – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

Mônica Regina Peres - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

Philippe Peterle Modolo – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

Renato Rocha Souza – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

Silvana Soares Sampaio – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

Taiguara Villela Aldabalde – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

Tatyane Mendes Ferreira - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.